



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Regras, Rotinas e Rituais em Famílias Reconstituídas.

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Psicologia de Educação e Desenvolvimento Humano -

por

Liliana Teixeira

sob orientação de

Professora Doutora Elisa Veiga, Professora Doutora Lurdes Veríssimo e Professora Doutora Mariana Negrão

Faculdade de Educação e Psicologia

Porto, Julho de 2014

RESUMO

A fundamentação da presente dissertação tem como objetivo geral explorar e compreender a percepção dos pais e/ou mães e respetivos companheiros (as) (madrastas e padrastos), acerca da parentalidade, nomeadamente rotinas e rituais, como também fatores de stress e fatores de gratificação.

Neste sentido, para compreender a percepção e significados dos participantes procedeu-se a um estudo de natureza qualitativa.

Foi construído um Guião de Entrevista e foram efetuadas cinco entrevistas semiestruturadas, cujo conteúdo foi analisado através da construção de um sistema de categorias, apoiado pelo *software* NVivo.

Após a análise dos objetivos do presente estudo verificaram-se os seguintes resultados: tanto os pais e/ou mães, como os seus companheiros (as) estão presentes na rotina das crianças; as regras estão relacionadas com alguns momentos da rotina das crianças, sobretudo à hora da refeição e à hora de dormir; os fatores de *stress* estão relacionados com o estabelecimento de regras e momentos da rotina, como por exemplo, o momento de realizar os trabalhos de casa; os rituais mais frequentes nas famílias reconstituídas são o natal e os aniversários e estão associados aos fatores de gratificação; a gestão da coparentalidade entre os companheiros das famílias reconstituídas está mais presente do que em relação aos pais/mães biológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Famílias Reconstituídas; Coparentalidade; *Stress* parental; Satisfação parental; Rotinas; Regras; Rituais.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to explore and to understand the perception of fathers and / or mothers and their respective partners, for instance, stepmothers and stepfathers, about parenting, including not only routines and rituals, but also some stressors and gratification factors.

In order to understand the perceptions and meanings of the participants, a qualitative study was done. After several meetings, five semi-open interviews were made and its contents were analysed through a category system, as known as, with NVivo.

After analyzing the objectives of this study, the results are: both fathers and / or mothers and their partners are present in routine childhood; rules relate moments to the routine of children, especially at meal time and bedtime; the stressors are related to the establishment of rules and routine moments for example, the time to do the homework; the most common rituals in stepfamilies are christmas and birthdays and they are associated with factors of gratification and management of coparenting among the partner of stepfamilies is more present than in relation to biological parents / mothers.

KEYWORDS: Stepfamilies; Coparenting; Parental *stress*; Parental satisfaction; Routines; Rules; Rituals.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por ao longo deste percurso de 5 anos terem concedido a oportunidade de *ser alguém*, por terem sido incansáveis e sobretudo, pelo apoio incondicional em todos os momentos. Um especial obrigado à minha mãe por ter contribuído para a realização desta dissertação.

Aos meus colegas e amigos de curso e mestrado por estarem ao meu lado e que de alguma forma, contribuíram durante estes 5 anos. Mas um especial agradecimento, à minha Catarina e Maria João que me apoiaram sempre incondicionalmente.

Aos meus amigos que acompanharam o meu percurso académico e me apoiaram, mas um obrigado especial ao Freitas por me ter apoiado tanto nesta fase e à Cláudia por estar *sempre ao meu lado*.

Às minhas orientadoras: Professora Dra. Elisa Veiga, Professora Dra. Lurdes Veríssimo e Professora Dra. Mariana Negrão por me terem apoiado ao longo destes cinco anos, mas sobretudo por este último ano letivo de orientação, tornando possível a concretização desta desafiante tarefa.

Aos carinhosos participantes, que nos deram a oportunidade de realizar este estudo porque sem eles esta dissertação não era possível.

Às queridas colegas, Ana Moreno e Sónia Batista pelo apoio e disponibilidade por me apoiarem na transcrição de entrevista

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	11
II - ARTIGO CIENTÍFICO	11
a) Introdução	11
Família e Parentalidade	11
Do Divórcio à Reconstituição Familiar	14
- A Família Reconstituída.....	14
- Rotinas e Rituais	19
b) Método	23
Participantes	23
Instrumentos	24
Procedimentos de recolha de dados.....	24
Procedimentos de análise de dados	25
c) Resultados	25
Apresentação e descrição do Sistema de Categorias	25
III - Conclusões	35
IV - Referências Bibliográficas	38
V. ANEXOS	45

I. INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo geral explorar e compreender a perceção dos pais e/ou mães e respetivos companheiros (as) (madrastas e padrastos), acerca da parentalidade, nomeadamente rotinas e rituais, como também fatores de stress e fatores de gratificação.

Dado que as famílias reconstituídas advém dos divórcios importa referir que em Portugal, os divórcios estão a aumentar, segundo o Instituto Nacional de Estatística. Em 1960 o número de divórcios era de 749 e em 2011, o número passou drasticamente para 26,751 (INE, 2013). Nesta sequência, em 2001, foram recenseadas 46, 786 famílias reconstituídas, correspondendo a 1,5% na sua totalidade de núcleos familiares e a 2,7% dos núcleos de casais com filhos. Nas famílias reconstituídas existem 55,9% a viver em união de facto e 44,1% casais que são casados legalmente (Leite, 2004).

As famílias reconstituídas são extremamente complexas e variadas, mas parecem diferenciar-se pouco das famílias tradicionais. Neste sentido, tanto as rotinas como as regras parecem ser semelhantes à de uma família tradicional (Coleman & Ganong, 2008), o que vai de encontro ao objetivo geral deste estudo, compreender as rotinas, regras e rituais das crianças das famílias reconstituídas.

Posteriormente à revisão bibliográfica percebemos que existem poucos estudos nacionais acerca deste tema, como também acerca dos fatores de *stress* e de satisfação na parentalidade, a maior parte dos estudos foca-se apenas nos fatores de stress na parentalidade maternal e não aborda os fatores de gratificação.

II - ARTIGO CIENTÍFICO

a) Introdução

Família e Parentalidade

Para compreender as famílias reconstituídas, é necessário para o presente estudo compreender o conceito de família.

Existem diversos conceitos de família, no entanto, salienta-se a importância de perceber a família como um todo, como uma emergência dos seus elementos, o que a torna singular (Alarcão, 2000). À luz do modelo sistémico, Sampaio e Gameiro (1985, p. 11-12) definem a família como “um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados”. Desta forma, se a família é vista como um sistema, este conceito é definido como “um conjunto de elementos em interação de tal forma que uma modificação

num deles provoca uma modificação de todos os outros” (Marc & Picard, 1984, p. 21 cit. in Alarcão, 2000).

Uma vez que a família é considerada como um sistema, esta é constituída por objetos e respetivos atributos e relações, inclui subsistemas e suprassistemas. Estes sistemas estão conectados de forma hierárquica e organizada, possuem limites ou fronteiras que as diferenciam do seu meio (Alarcão, 2000).

Será importante realçar que a família passa por um ciclo vital que envolve várias etapas, nomeadamente, a formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos (Alarcão, 2000).

Durante processo do ciclo vital decorre também o desenvolvimento dos subsistemas. Os subsistemas da família são essencialmente quatro: o individual, o conjugal, o parental e o fraternal. O subsistema individual é constituído pelo indivíduo, que tem um estatuto e funções familiares, como ainda tem funções e papéis noutros sistemas. O conjugal constitui-se pelo marido e pela mulher e uma das suas funções é desenvolver limites ou fronteiras que preservem o casal da intrusão de outros indivíduos, tais como, as famílias de origem ou filhos. O parental é também constituído pelos mesmos adultos ou substitutos mas as suas funções tem em vista a educação e a proteção das pessoas mais novas. E o subsistema fraternal formado pelos irmãos, onde as crianças desenvolvem as suas capacidades relacionais, experienciam o apoio recíproco, a competição e o conflito. É um subsistema principalmente de socialização e de experimentação de papéis face ao mundo extrafamiliar (Alarcão, 2000).

Desta forma, estes quatro subsistemas têm funções diferentes mas estão relacionados, as mesmas pessoas podem pertencer, concomitantemente, a diferentes subsistemas e a estrutura familiar modificar-se ao longo do ciclo de vida de forma adaptativa. Posto isto, torna-se crucial abordar o conceito de limites/fronteiras, estas permitem regularizar a transmissão de informação entre a família e meio e entre os diferentes subsistemas (Alarcão, 2000).

Minuchin (1979) diferencia três tipos de limites: os claros, os difusos e os rígidos. Os claros limitam o espaço e as funções de cada membro ou subsistema, no entanto, possibilita a troca de influências entre os membros. Os difusos são assinalados por uma enorme permeabilidade que ameaça a diferenciação dos subsistemas. E os rígidos complexificam a comunicação e compreensão mútuas. O mesmo autor refere que as famílias podem ser escalonadas num contínuo que vai de um pólo emaranhado (fronteiras difusas) a um pólo desmembrado (fronteiras rígidas). Desta forma, as famílias emaranhadas são caracterizadas por fecharem-se sobre si mesmas, promoverem e sustentarem exageradamente nível de permutas e de preocupações entre os diferentes elementos, diminuem as distâncias interpessoais e desordenam as fronteiras entre gerações, subsistemas e indivíduos. Neste tipo de famílias, os papéis familiares são rígidos, em que um dos progenitores situa-se numa posição vantagem e também com o aumento deste movimento interno delimitam fronteiras rígidas com o exterior. Pelo contrário, as famílias desmembradas caracterizam-se por estabelecer fronteiras rígidas no

seu interior e difusas com o seu exterior. Os elementos desta família interagem de forma individualista, não no sentido de autonomia, ou seja, prematuramente excluídos da vida social, a nova geração não foi devidamente socializada. Apesar da aparentemente os papéis parentais serem rígidos, também são inconstantes (Alarcão, 2000).

Na sequência da abordagem do conceito de família e dos seus sistemas, torna-se importante abordar o conceito de parentalidade. Desta forma, a parentalidade é definida como um conjunto de ações realizadas por figuras parentais, sejam pais ou substitutos, com vista a promover o desenvolvimento integral dos seus filhos, utilizando recursos externos ou internos à família (Cruz, 2005).

Cruz (2009) descreve o conceito de parentalidade positiva como as condições necessárias para que as crianças possam desenvolver as suas capacidades de forma o mais completa possível, internamente e externamente à família. Desta forma, é necessário construir e estabelecer um contexto de aprendizagem positivo, seguro, estimulante, afetuoso e responsivo. Como ainda, supervisionar o comportamento da criança e cuidar de si mesmo como pessoa.

Segundo Cruz (2005) poderá definir-se cinco funções que os pais devem desempenhar, sendo estas: *a satisfação das necessidades mais básicas*, nomeadamente, de sobrevivência e de saúde. A segunda função é denominada de *disponibilizar à criança um mundo físico organizado e previsível*, relaciona-se com conceder recursos à criança de forma a estabelecerem-se rotinas. Uma terceira função é nomeada como *necessidades de compreensão cognitiva das realidades extra familiares*, em que os pais têm a função de mediadores da criança ao mundo exterior, são eles que permitem o acesso à sociedade. A quarta função caracteriza-se por *satisfazer as necessidades de afeto, confiança e segurança*, esta refere-se às relações de vinculação, ou seja, a construção de relações seguras, positivas e adaptativas na trajetória desenvolvimental da criança. Por fim, a última função refere-se às *necessidades de interação social da criança e a sua integração na comunidade*, ou seja, a família é o primeiro meio de socialização da criança e é também responsável pela adaptação da criança ao mundo exterior. Desta forma, a família deve fornecer regras e valores à criança para que esta posteriormente se consiga inserir na comunidade (Cruz, 2005).

Os pais também desempenham diversos papéis, tais como, *parceiros de interação* e a *preparação e disponibilização de oportunidades de estímulo e aprendizagem* em contextos extrafamiliares. O primeiro papel refere-se às interações do quotidiano entre os pais e a criança. Estas interações podem ser positivas (e.g. situações lúdicas) ou stressantes (e.g. situações disciplinares). O segundo papel refere-se ao planeamento da rotina com a decisão acerca dos contextos educativos formais ou informais (e.g. atividades extracurriculares) ou também o desenvolvimento de atividades para a criança alcançar a grupo de pares (Parke & Buriel, 1998 cit. in Cruz, 2005).

Será de realçar que os papéis parentais também estão relacionados com a função conjugal, uma vez que o funcionamento conjugal pode influenciar positivamente não apenas a parentalidade, como também a relação entre pais e filhos (Floyd, Gilliom & Costigan, 1998).

Desta forma, Cohen e Weissman (1985) (cit. in Abidin & Brunner, 1995) a aliança parental apenas é estabelecida quando (a) ambos os pais se dedicam à criança, (b) ambos os pais reconhecem o comprometimento do outro progenitor com a criança, (c) ambos os pais consideram a opinião do outro progenitor relativamente à criança e (d) ambos os pais ambicionam comunicar um com o outro.

Para além das funções e papéis parentais, é importante salientar os padrões educativos parentais em relação aos filhos, uma vez que Amato (2005) defende que a qualidade das práticas parentais pode ser um bom preditor do bem-estar emocional e social para a criança.

Baumrind (1966) realizou um estudo pioneiro e configurou três padrões educativos parentais, em termos de controlo e responsividade na parentalidade, foram definidos como: como autoritário, autoritativo e permissivo.

O primeiro padrão refere-se aos pais autoritários que tentam controlar, manipular os comportamentos e atitudes dos seus filhos. Como também é valorizado a obediência, a punição, o que torna a criança dependente dos seus pais. Os pais autoritativos são representados por um lado, por terem regras e exigências, mas por outro, responsivos e afetivos com os filhos. Permitem a independência e vontade própria da criança, contudo adotam uma postura confronto quando há conflitos (Baumrind, 1966). No terceiro padrão, os pais permissivos caracterizam-se por terem baixa exigência com os seus filhos, raramente agem de forma punitiva. Ao contrário dos pais autoritários, não tentam controlar os seus filhos e permitem que estes livremente façam as suas opções (Baumrind, 1966). Darling e Steinberg (1993), Rodriguez, Donovan e Crowley, (2009) também nomeiam outro padrão educativo parental, o negligente. Este é caracterizado por pais que egocêntricos e desinteressados que não respondem às necessidades dos seus filhos e não os estimulam. Como ainda não promovem a sua independência, nem impõem responsabilidades.

Baumrind (1966) referiu que segundo vários estudos, o estilo autoritativo parece ser o estilo educativo parental mais aconselhável a adotar, dado que pode facilitar o ajustamento da criança (Campana, Henderson, Stolberg & Schum, 2008).

Posteriormente à abordagem do sistema familiar e da parentalidade, torna-se pertinente falar acerca novas configurações familiares. Desta forma, Alarcão (2006) refere que a família de origem é onde crescemos e morremos, contudo ao longo do desenvolvimento podemos ter mais que uma família. Ao longo dos anos, as novas configurações familiares têm nascido, tais como, as famílias monoparentais, adotivas, homossexuais, comunitárias e reconstituídas, sendo esta última o foco deste estudo.

Do Divórcio à Reconstituição Familiar

- A Família Reconstituída

O divórcio é um processo de mudança que implica reorganização e várias transições (Freijo & Delgado, 2010). Desta forma, o divórcio pode trazer mudanças significativas para a maior parte das

crianças, tais como, a saída de casa de um dos pais, mudar de residência, mudar de escola, perder contacto com os amigos, lidar com novos companheiros dos pais, viver com irmãos ou meios-irmãos (Cherlin, 2009 cit. in Amato, Kane & James, 2011).

A literatura indica que o divórcio poderá ter interpretações diferentes, desta forma, poderá ser visto como um indutor de *stress* ou como uma transição desenvolvimental das crianças (Raposo, Figueiredo, Lamela, Nunes-Costa, Castro, & Prego, 2011).

Quando o divórcio é visto como indutor de *stress* pode afetar toda a família de diferentes maneiras. Os fatores que influenciam a forma como os diferentes elementos da família podem ter em conta, as capacidades e limitações cognitivas, sociais e emocionais de cada um (Freijo & Delgado, 2010). A adaptação ao divórcio das crianças pode depender vários fatores, nomeadamente, o género, a idade, temperamento e cognição social (Freijo & Delgado, 2010). Assim, o nível de desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças afetam a sua compreensão do divórcio e a capacidade para lidarem com os vários fatores stressantes resultantes do divórcio (Freijo & Delgado, 2010).

No caso das crianças mais pequenas demonstram menor capacidade para avaliar de forma pragmática as causas e consequências do divórcio assim, parecem apresentar mais ansiedade, sentimento de abandono e culpabilizam-se a si mesmas (Freijo & Delgado, 2010). Wallerstein e Kelly (1980 cit. in Amato, 1994) confirmam esta ideia, uma vez que fizeram várias entrevistas a pais e crianças durante o ajustamento ao divórcio. Estes autores compreenderam que durante o primeiro ano após o divórcio, as crianças em idade pré-escolar não estão suficientemente desenvolvidas cognitivamente para compreender o significado do divórcio. As crianças nesta fase são muito egocêntricas, o que leva a sentirem-se culpabilizadas pelo divórcio, bem como parecem ficar confusas e terem comportamentos regressivos. Ao contrário das crianças em idade escolar que apresentam um maior desenvolvimento cognitivo e podem compreender melhor o significado do divórcio. Contudo, esta compreensão pode levá-los a sentimentos de tristeza, depressão e sentimento de perda da família (Wallerstein & Kelly, 1980 cit. in Amato, 1994). Desta forma, as crianças percecionam o divórcio de diferentes maneiras, podendo até percecionar o divórcio como rejeição. No entanto, ao longo do seu desenvolvimento o egocentrismo vai diminuindo, assim, algumas crianças culpam um dos pais, como também podem sentir raiva por um dos pais ou ambos (Amato, 1994). Será importante salientar que se as mães e os pais representarem os seus papéis parentais e auxiliarem na criação dos seus filhos, alguns dos efeitos negativos do divórcio poderão ser evitadas (Amato, Kane & James, 2011).

A segunda perspetiva do divórcio refere-se à transição desenvolvimental das crianças, em que o divórcio não é necessariamente uma situação negativa, pelo contrário, poderá promover o desenvolvimento da criança. Na maior parte das situações de divórcio, as crianças apresentam um bom ajustamento emocional e social e menos problemas de comportamento (Raposo et al., 2011).

Hetherington e Stanley-Hagan (2002) e Ahrons (2006) referem que um “bom divórcio” é aquele em que as crianças conseguem manter um bom relacionamento, com ambos os pais e os novos elementos familiares associados. Desta forma, as crianças também parecem beneficiar quando os pais

comunicam regularmente, quando estabelecem regras em comum nas duas casas e quando o pai/mãe que vive com a criança permite as práticas parentais do outro (Sandler, Miles, Cookston & Braver, 2008). Neste sentido, importa incluir o conceito de coparentalidade definido como a relação parental cooperativa e construtiva com o ex-companheiro para o bem-estar dos filhos, de forma a ambos a participarem de forma ativa na educação dos filhos (Gasper, Stolberg, Macie, & Williams, 2008).

Após o divórcio, alguns dos pais têm um novo companheiro(a) ou podem voltar a casar-se (Ahrns, 2006). O período entre o divórcio e a nova constituição familiar parece ser um fator importante, uma vez que se este tempo é demasiado extenso dificulta a mudança ou quando é muito curto a resolução do luto torna-se árdua (Costa, 1994).

A maioria das crianças que começam a viver numa família reconstituída normalmente passaram por um período stressante e difícil, no entanto, podem existir crianças que vivam nesta nova união familiar desde o seu nascimento, o que poderá favorecer esta transição (Dunn, 2002).

Os caminhos que levam a uma nova construção familiar podem ser diversificados e conseqüentemente vai influenciar a constituição desta família. A situação que ocorre com mais frequência, será uma mulher com filhos de um relacionamento anterior que passa de um período de monoparentalidade, para uma situação em que volta a ter um homem que poderá ou não ter filhos. Este procedimento inicia-se com algumas visitas do homem a sua casa, progressivamente vai pernoitando onde passa um tempo mais curto ou prolongado e termina numa nova união (Montgomery, Anderson, Hetherington & Clingempeel, 1992).

O ajustamento das crianças a esta nova situação vai depender da adaptação dos progenitores ao divórcio. Desta forma, se os pais fizeram o luto da relação de forma mais ambígua, conseqüentemente o luto dos filhos será mais difícil, como também adaptar-se à nova situação, ou então se no período de monoparentalidade foi estabelecido um vínculo forte com os filhos, será mais desafiante a entrada de um novo membro na família. A literatura também aponta que os filhos parecem resistir mais ao recasamento da mãe ou do pai com quem habitam do que em relação aos que visitam. As relações desta família tornam-se mais desafiantes quando um novo elemento da família também tem filhos visitam ou residem com o casal (Costa, 1994).

Relativamente às expetativas dos adultos e das crianças sobre a nova família trazem expetativas da família anterior, o que solicita novas costumes (Costa, 1994). Desta forma, as expetativas do casal acerca desta costumam ser otimistas e pouco realistas, uma vez que perspetivam que o ajustamento ao recasamento será imediato e que num primeiro contato irá surgir afeto entre os novos irmãos ou entre os filhos e o padrasto/madrasta (Bray & Kelly, 1998 cit. in Freijo & Delgado, 2010). Quanto às expetativas das crianças em relação aos padrastos ou madrastas parecem não estar em conformidade com o comportamento e expetativas destes (Costa, 1994).

Desta forma, o conceito de família reconstituída poderá definir-se por famílias que resultam de uma segunda ou terceira união, embora pareçam semelhantes às famílias nucleares, mostram algumas diferenças (Freijo & Delgado, 2010). Estas diferenças poderão ser sumarizadas em três: (1) as famílias

reconstituídas têm uma estrutura mais completa do que as tradicionais, isto é, são formadas por mais elementos da família, tais como, pais biológicos, madrastas, padrastos, irmãos, meios-irmãos e podem viver em mais que uma casa; (2) nas famílias reconstituídas a relação entre pais e filhos já existia antes da nova união familiar, ao contrário das famílias tradicionais em que casal teve tempo de conhecer-se e adaptar-se antes de terem filhos. Desta forma, as famílias reconstituídas simultaneamente terão de construir a relação conjugal e a relação com os seus filhos (Freijo & Delgado, 2010); (3) os papéis, responsabilidades direitos e obrigações parecem estar menos claros neste tipo de família do que numa família nuclear (Fine, Coleman & Ganong, 1988).

É importante salientar que a primordial tarefa ao longo do desenvolvimento do sistema da família reconstituída é aceitar que esta nova família não é uma família tradicional e que as tentativas para esta funcionar como um sistema fechado, será mais difícil comparativamente às famílias tradicionais, assim, as famílias reconstituídas são mais suscetíveis (Robinson, 1991). Estas famílias também são associadas a uma imagem negativa de complexidade, desordem, caos e culpa, uma vez que socialmente a família tradicional continua a ser privilegiada como o modelo ideal. Desta forma, este tipo de família está associado às histórias infantis nomeadamente, os padrastos e as madrastas que representam uma figura malévola, conseqüentemente estes estereótipos poderão influenciar negativamente como os elementos da família irão lidar com o recasamento. No entanto, a maioria da literatura refere o oposto, ou seja, trabalhar com estas famílias apesar de serem complexas, podem também ser enriquecedor (Costa, 1994).

Uma vez que anteriormente foram referidas as várias fases do ciclo vital na família nuclear, torna-se importante descrever as várias fases no ciclo vital da família reconstituída.

A criação das famílias reconstituídas é um processo desafiante e produtivo (Costa, 1994), passando por várias fases de um ciclo vital. Desta forma, são sete fases que integram um processo emocional de transição do casal e as principais mudanças no desenvolvimento desta família. Estas fases não são isoladas, mas as interações que as constituem são circulares ao invés de lineares e necessitam de ser elaboradas pela família nas diferentes fases concomitantemente (Robinson, 1991). A primeira fase denomina-se por *novo começo*, existe um reconhecimento de mitos e fantasias e em simultâneo desenrola-se o divórcio emocional e a coparentalidade (Robinson, 1991). Existe também nesta fase o reconhecimento da existência de vínculo entre pais e filhos antes do recasamento; a segunda fase *esforço de inclusão*, este é um período de tempo e espaço para o desenvolvimento de relação entre madrastra/padrastos e enteados, como ainda é uma fase de angústia, ciúmes e conflitos de lealdade resultantes das perdas da família de origem; a terceira fase *consciência*, caracteriza-se por um período de reformulação de fronteiras geracionais e familiares. Existe um reconhecimento de posição de autoridade do pai biológico, do padrasto/madrastra e do recasamento; a quarta fase *reestruturação*, nesta fase começa a existir uma deslocação e atenuação das dificuldades, como também a aceitação da nova família reconstituída; a quinta fase *Ação*, a família começa a unir-se e estabelecem-se novas regras, rituais e limites que são negociados na nova família; a sexta fase *integração*, nesta última fase

é alcançado não só o contato, mas intimidade entre a nova família. Neste período também o padrasto/madrasta alcança o mesmo papel que o pai/mãe biológica na nova família e por fim, a sétima fase resolução, em que tornam-se uma família binuclear, deixando a perspectiva de viver como uma família nuclear, sendo um período em que negocia-se rituais e alterações de entrada e custódia (Robinson, 1991).

Estas fases do ciclo da família reconstituída pode levar meses ou anos e depende de muitas variáveis, tais como, o gênero e a idade da criança. Esta adaptação pode demorar pelo menos dois anos (Robinson, 1991), uma vez que os elementos da família têm de lidar em simultâneo com os significados históricos da família, com perdas de referência e ruptura da família de origem, seja do primeiro casamento ou da família monoparental. Desta forma, concomitantemente a família tem de lidar com as mudanças estruturais implícitas e desenvolver um novo sistema com tarefas e responsabilidades específicas do ciclo vital familiar e individual (Costa, 1994).

As famílias reconstituídas incluem novos papéis, relações e fronteiras complexas, indefinidas e conflituosas e conseqüentemente, poderá provocar sentimentos intensos de conflito ou a negação destes (Costa, 1994). De acordo com Costa (1994), as famílias reconstituídas e nucleares desempenham tarefas semelhantes, contudo a estabilização do casamento e a preparação para os papéis parentais têm vários obstáculos. Desta forma, vários fatores podem complexificar a legitimidade da identidade da família, tais como, a presença da família anterior, as várias fases em que cada cônjuge pode-se situar, a transição das relações de pai e filho para filho e cônjuge, pela rivalidade entre enteados e padrastos/madrastas, por desacordos de lealdade com os filhos e o companheiro(a) e ainda, pelos ciúmes do relacionamento anterior. As relações e o vínculo nestas novas famílias muitas vezes têm como a sua base, a insegurança, seja pelo receio de uma nova perda ou insucesso, seja pela partilha de investimentos e de determinados componentes mais funcionais, como por exemplo, o dinheiro ou a educação com outro sistema, ou ainda pela recorrente não aprovação do recasamento pela família alargada. Estas variáveis podem contribuir para a incerteza e insegurança dos elementos da família reconstituída e conseqüentemente provoca *stress* nestes (Costa, 1994).

Como já foi referido, a relação de um casal numa família tradicional, precede ao nascimento de crianças. No entanto, o contrário acontece nas famílias reconstituídas em que os adultos não têm tempo de adaptar-se e reforçar a relação sem a existência de crianças (Visher & Visher, 1985).

A relação entre os pais e os seus filhos na nova família também será influenciada e tende a ser renegociada. A investigação refere que esta relação deteriora-se com a nova reconstituição familiar, frequentemente existem mais comportamentos negativos e conseqüentemente, existem mais punições e existe menos afeto e supervisão parental (Dunn, Deater-Deckard, Pickering & O'Connor, 1999; Vuchinich, Hetherington, Vuchinich & Clingempeel, 1991). Contudo, ao longo dos anos a situação tende a normalizar-se e as estas relações tornam-se semelhantes às famílias nucleares (Anderson, Greene, Hetherington, & Clingempeel, 1999 cit. in Freijo & Delgado, 2010).

A relação entre padrastos/madrastas e enteados geralmente é considerada como stressante e problemática (Hetherington & Clingempeel, 1992). No entanto, a investigação refere que os padrastos/madrastas tentam criar uma relação aconchegante e unida com os seus enteados (Ganong, Coleman, Fine & Martin, 1999). Geraci (2008) confirma esta mesma ideia de que a relação entre enteados e padrastos/madrastas pode ser próxima, como também pode haver confiança da parte da criança para com estes, principalmente as crianças que têm relação com os seus padrastos/madrastas desde pequenos.

Nesta nova estrutura familiar como já foi referido é construído um relacionamento, onde já existia histórias entre pais e filhos e o novo companheiro(a) ainda não está implícito nesta relação. Os novos elementos da família terão de desenvolver um espaço psicológico e físico, para criarem o seu relacionamento, principalmente para os que ainda não foram pais/mães em relacionamentos anteriores, será uma nova experiência (Robinson, 1991).

Relativamente à parentalidade nas famílias reconstituídas, o novo casal terá de integrar os modelos da sua infância, bem como o modelo que co construiu com o seu anterior companheiro(a) e que os seus filhos estão adaptados. Desta forma, os filhos poderão criar obstáculos à gestão da parentalidade nesta nova família, uma vez que os mesmos podem desejar manter a sua lealdade para com o seu pai/mãe ausente. O padrasto ou madrastra terão de ter em conta que as mudanças requerem tempo e este poderá ser um aliado. Estes terão de ter em conta que o seu papel será de auxiliar e que será desenvolvido através do progenitor biológico, no entanto, poderão tornar-se mais ativos em função do tempo, idade e residência principal (Alarcão, 2000).

Relativamente aos padrões educativos nas famílias reconstituídas, Robinson (1991) refere que o padrão educativo parental das mães nestas famílias é o autoritativo, enquanto o estilo autoritário do pai com as raparigas parece tornar-se negligente.

Nas famílias reconstituídas há várias mudanças e várias são as necessidades básicas que os pais têm de assegurar. Principalmente nas crianças mais novas em idade pré-escolar que são particularmente afetadas por estas mesmas mudanças quer psicologicamente, quer fisicamente (Ricci, 2004).

- Rotinas e Rituais

Uma vez que este estudo, foca em crianças em idade pré-escolar e escolar, torna-se importante referir que as crianças entre os 6 e os 12 anos de idade demonstram um conjunto de exigências características resultantes do seu processo de maturação biopsicosocial. Nesta etapa, os pais devem ser capazes de adaptar-se integrando o desenvolvimento da criança na sua vivência da parentalidade. Imprescindivelmente deve reajustar-se expectativas, modificar comportamentos, adequar o discurso e promover a exposição a novas oportunidades (Collins, Madsen, & Susman-Stillman, 2002). Nesta fase, os pais também confrontam-se com a evolução da criança no que concerne à sua autonomia, no

entanto os pais devem manter a sua função auxiliar e contentora e devem estabelecer um conjunto de regras (Alarcão, 2000).

As famílias reconstituídas envolvem muitas mudanças para os adultos e para as crianças, tais como, mudança de casa, adaptação aos novos elementos da família e o estabelecimento de novas rotinas e atividades (Menaghan, Kowaleski-Jones & Mott, 1997). Desta forma, a família deve criar rotinas e rituais para criar um sentido de consistência e previsibilidade nas suas vidas (Day, 2010).

Os pais devem estar particularmente atentos à fase desenvolvimental das crianças dado que, existem uma série de mudanças que são difíceis para as crianças, por exemplo, mudar frequentemente o local de pernoita ou durante um período de tempo, não poder estar com o seu outro progenitor (Ricci, 2004). Desta forma, é importante haver congruência entre os pais para a diminuição de conflitos e proteção da criança (Fiese, 2006).

Fiese, Foley e Spagnola (2006) referem que rotinas e rituais são conceitos difíceis de definir e que diferem de família para família. Desta forma, cada família tem uma configuração de regras e as rotinas são personalizadas (Fiese, 2006).

As rotinas são mais comuns, repetem-se diariamente, exigem compromisso, não se alteram e podem ser observadas por elementos externos à família. Estas ainda implicam ação, diretividade e distinção de papéis (Fiese, 2006). Exemplos que retratam as rotinas podem ser por exemplo, lavar e limpar a louca depois da hora de refeição, (Fiese, Foley & Spagnola, 2006), dar um beijo de despedida antes de ir para a escola/emprego ou contar histórias à criança antes de ir para a cama, entre outras (Day, 2010). As regras estão ligadas às rotinas, estas podem também ser expressas diretamente e ao longo do tempo vão sendo internalizadas, como por exemplo, ter boas maneiras à mesa (Fiese, 2006).

Quanto aos rituais são definidos como um conjunto de ações que contém um sentido simbólico para a família (Day, 2010). Cada família concede o seu próprio significado e ligam a família como um grupo, ou seja, há um sentimento de pertença (Fiese, 2006). Exemplos de rituais podem ser, o Natal, a Páscoa ou outras épocas festivas que tenham valor para a família (Day, 2010). Nos rituais, também existem rituais de passagem, como por exemplo, um indivíduo passar do estado solteiro para casado.

Day (2010) aponta alguns pontos comuns e algumas diferenças entre rotinas e rituais. Desta forma, os rituais e rotinas envolvem sempre mais do que um membro da família; ambos podem ser expressos por um comportamento ou uma ação, são visíveis, podem ser contínuos e modificar-se ao longo do tempo. As rotinas e rituais também se diferenciam, enquanto as rotinas focam-se mais nos estilos de comunicação, são funcionais e instrumentais, como por exemplo, depois de ver um filme determinadas tarefas têm de ser realizadas; os rituais, por outro lado, caracterizam a família, como por exemplo, na hora da refeição fazer determinadas questões tradicionais desde o membro mais novo da família até ao mais velho. Os rituais também são diferentes no compromisso, se por um lado as rotinas podem requerer um pequeno compromisso, são específicas e exigem recordação, por outro lado os rituais exigem um diferente tipo de compromisso, por exemplo, lembrar que alguém faz anos, é um sinal de que essa pessoa está comprometida relacionalmente com a outra pessoa. Enquanto as rotinas

podem mudar sem haver conflitos, como por exemplo, se alguém decide lanchar às cinco e meia da tarde, mas lancha às seis e meia, provavelmente não terá problemas. Mas se alguém mudar o menu de uma determinada época festiva, como por exemplo, no Natal, poderá trazer desconforto. Por fim, este autor aponta que os rituais e rotinas são diferentes emocionalmente, ou seja, determinadas tradições podem ter um significado emocional, como por exemplo, um casamento ou um funeral e estes tornam-se ritualizados, denominando-se de rituais de família (Day, 2010).

Uma vez que as regras estão definidas, a disciplina positiva deverá estar presente, é importante que os pais sejam firmes, seguros, assertivos e consistentes. Desta forma, é necessário existir alternativas positivas para o comportamento desajustado da criança (Cruz, 2009).

Fiese (2006), salienta que as várias tarefas do dia-a-dia da família, como horários de trabalho, atividades extra curriculares e trabalhos de casa podem afetar o estabelecimento de rotinas e rituais. Contudo, esta autora sugere alguns rituais como soluções para este problema, tais como, criar uma noite de jogos só para a família, não ver televisão em determinados momentos e flexibilizar o horário de trabalho (Day, 2010).

No caso das famílias que tenham crianças em idade pré escolar e escolar, vários rituais podem existir, como por exemplo, rituais na hora da refeição (Day, 2010). Contudo, também existe a possibilidade de determinadas famílias de terem poucos ou não terem nem rituais, nem rotinas. Quando esta situação ocorre, esta família considera-se ser uma família, sem identidade, sem estrutura e estabilidade (Day, 2010). Para além de este estudo focar-se nas famílias reconstituídas, importa compreender quais os fatores de *stress* e gratificação estão associados à parentalidade nestas famílias.

Na prática da função parental os pais confrontam-se com várias exigências que são influenciadas por características pessoais, do meio e da própria criança, têm consequências no desempenho do papel parental e nos níveis de *stress* experimentados por qualquer uma das figuras parentais (Abidin, 1990). Crnic e Low (2002) referem os comportamentos das crianças e as tarefas diárias dos pais podem causar frustração, irritação ou confusão e assim, provocar *stress* nos pais.

A definição de *stress* parental foi conceptualizado por Deater-Deckard (1998) em quatro formas: (1) o papel dos pais ou o papel da criança é um dos fatores de *stress*, (2) os pais apontam os comportamentos das crianças e os acontecimentos da parentalidade como fatores stressores; (3) o coping parental relaciona-se com o *stress* e determina o efeito deste e (4) o *stress* parental tem consequências a nível da parentalidade e do bem-estar das crianças.

A investigação refere que existem duas perspetivas em relação ao *stress* parental, a primeira refere-se à relação entre o stress parental e os desafios quotidianos implícitos no papel parental (Crnic & Low, 2002), ou seja, os desafios do quotidiano podem ser considerados normativos mas as exigências contínuas e específicas, poderão ter consequências negativas na relação (Crnic & Greenberg, 1990). A segunda perspetiva refere-se à relação entre pais e filhos (Abidin, 1992), em que o *stress* vivido pelas figuras parentais é resultante das dificuldades na relação entre pais e filhos no

desempenho do papel parental, acabado por existir dificuldades na gestão e escassez de recursos (Abidin, 1990).

Para além do *stress* parental estar associado ao quotidiano importa salientar que quer no divórcio, quer nos recasamento para além de existir desequilíbrio familiar, também existem períodos de *stress* para toda a família. Existem dificuldades na adaptação familiar associadas a fatores de *stress*, tais como: dificuldades económicas, desorganização familiar, falta de suporte e práticas parentais disruptivas (Hetherington & Stanley-Hagan, 2002).

Desta forma, o *stress* parental afeta o bem-estar psicológico das crianças e dos pais, porém, não é o *stress* que afeta diretamente os filhos, mas a qualidade parental. Assim, o *stress* afeta as competências parentais, como também a dinâmica familiar e conseqüentemente o desenvolvimento da criança (Crnic & Low, 2002).

Quando o *stress* parental ocorre dentro da normatividade pode impulsionar a utilização de recursos e estratégias de *coping* (Abidin, 1992).

O *coping* é definido como um conjunto de estratégias que as pessoas utilizam para ajustarem-se a situações adversas (Suls, David & Harvey, 1996). Desta forma, a resposta de *coping* é uma ação intencional, mental ou física, principiante de uma resposta a um stressor percebido, orientada para situações externas ou estados internos (Lazarus & Folkman, 1984 cit. in Compas, 2001). Assim, o *coping* tem como objetivo a redução do *stress* (Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998),

A qualidade e os recursos dos indivíduos podem tornar o individuo mais vulnerável ou mais resistente resultante das conseqüências do *stress*. *Stress* e vulnerabilidade podem ser um ciclo vicioso, em que o *stress* afeta os recursos de *coping* e fomenta a vulnerabilidade (Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998).

A insatisfação parental/*stress* parental e a satisfação parental não são conceitos antagónicos, sendo possível encontrar ambos num contínuo (Vieira, Ávila & Matos, 2012), uma vez que a investigação refere que o *stress* e a satisfação estão implícitos nos papéis parentais (Crnic & Greenberg, 1990).

O conceito de satisfação parental pode ser utilizado para descrever satisfação parental no papel parental ou satisfação com as crianças (Vieira, Ávila & Matos, 2012).

A satisfação parental parece estar relacionada com a fase do ciclo vital da família (Brage, Hudson, Campbell- Grossman, Elek, Fleck, & Shipman, 2003), como também o género da criança (Elek, Brage, Hudson, & Bouffard, 2003). Outros fatores também são relacionados com a satisfação parental, tais como, sentimento de eficácia parental, relação positiva entre pais e filhos e uma vinculação saudável (Owen, Thompson & Kaslow, 2006). Destes fatores o mais salientado pela investigação parece ser o de autoeficácia, uma vez que parece aumentar a satisfação parental. Segundo Bandura (2006 cit. in Hudson, Elek & Fleck, 2001) a autoeficácia consiste na crença de ao realizar eficazmente uma determinada tarefa específica e de a cumprir com êxito. Assim, existe uma relação positiva entre a autoeficácia percebida e as expetativas dos resultados, conseqüentemente, as figuras

parentais estão mais satisfeitas com a parentalidade quando aumentam os níveis de autoeficácia. (Hudson et al, 2001).

b) Método

O presente estudo recorre à metodologia qualitativa, o objetivo central é compreender de forma aprofundada e interpretar o mundo social, através das experiências, perspetivas e histórias das pessoas (Snape & Spencer, 2003). Deste modo, este tipo de metodologia permite incluir várias abordagens associadas a crenças, possibilitando descobrir mais acerca do mundo social (Snape & Spencer, 2003). Esta metodologia caracteriza-se principalmente por estudar conceções, ao invés de partir de pré-conceitos, ou seja, há oportunidade para se desenvolverem novas ideias e opiniões (Ritchie, 2003). Desta forma, o método qualitativo permite através dos participantes descrever e expor o fenómeno. Todos os pensamentos, experiências ou comportamentos são relatados pelos participantes, possibilitando assim compreender as suas motivações, crenças e reflexões acerca do fenómeno (Ritchie, 2003). Como ainda, permite a reconstrução (Bryman, 2001 cit. in Ritchie, 2003), ou seja, possibilita recriar atitudes, crenças, perceções ou comportamentos acerca do fenómeno (Ritchie, 2003).

Neste sentido, esta metodologia vai de encontro ao objetivo deste estudo em que se pretende essencialmente explorar e compreender a perceção dos pais e/ou mães e respetivos companheiros (as) (madrastas e padrastos), acerca da parentalidade, nomeadamente rotinas e rituais, como também fatores de *stress* e fatores de gratificação.

O estudo tem os seguintes objetivos específicos: (1) caracterizar as famílias reconstituídas; (2) explorar as rotinas e regras das famílias reconstituídas; (3) explorar os rituais das famílias reconstituídas; (4) compreender a perceção das famílias reconstituídas acerca das rotinas e rituais; (5) compreender os fatores de stress e os fatores de satisfação associados à parentalidade nas famílias reconstituídas e (6) Compreender a gestão da coparentalidade com os atuais e ex-companheiros nas famílias reconstituídas. E pretende responder às seguintes questões de investigação: (1) Quais são as características das famílias reconstituídas?; 2) Quais as rotinas e regras que as famílias reconstituídas estabelecem para os seus filhos?; (3) Quais são os rituais da famílias reconstituídas?; (4) Quais as perceções que os pais têm acerca das rotinas e rituais nas famílias reconstituídas?; (5) Quais os fatores de stress e fatores de satisfação associados à parentalidade nas famílias reconstituídas? e (6) Como as famílias reconstituídas gerem a coparentalidade com os atuais e ex-companheiros?

Participantes

Os participantes são selecionados devido às suas próprias características que possibilitam compreender e explorar detalhadamente um tema específico que o investigador pretende estudar (Ritchie, Lewis & Elam, 2003). Deste modo, os critérios de inclusão para o presente estudo são os seguintes: pais e respetivas companheiras¹ (madrastas) e/ou mães e respetivos companheiros (padrastos), divorciados e que constituam uma família reconstituída, com filhos em idade pré-escolar e escolar (dos três aos nove anos de idade).

A seleção dos participantes foi intencionalizada, utilizou-se a rede de contactos das investigadoras para obter os primeiros participantes e posteriormente, utilizou-se a metodologia de *snowball*, que permite obter mais contactos depois do primeiro contacto com os primeiros participantes.

Deste modo, os participantes presentes neste estudo foram cinco, com idades compreendidas entre os 29 e 40 anos, sendo que a média da idade dos participantes corresponde a 36. Os participantes selecionados têm o grau de escolaridade entre o nível de ensino secundário a mestrado.

Instrumentos

De acordo com os objetivos definidos, privilegiámos a entrevista como método de recolha de dados. A entrevista semiestruturada, permite flexibilidade na ordem das respostas e direcionar a exploração dos tópicos da entrevista mais relevantes. A entrevista também é interativa, permitindo ao entrevistando abordar os assuntos livremente e possibilita ao investigador utilizar várias técnicas para compreender e aprofundar a perceção dos participantes (Legard, Keegan & Ward, 2003).

O guião de entrevista (*anexo I*) apresenta-se constituído por quatro dimensões, nomeadamente: (1) caracterização das famílias reconstituídas (inclui dados sociodemográficos, constituição do agregado familiar dos participantes e dos filhos e o tempo que coabitação), (2) rotinas e regras das famílias reconstituídas, como gerem as regras e os desafios no estabelecimento destas; (3) rituais das famílias reconstituídas e o seu significado (4) perceção das famílias reconstituídas acerca das rotinas e rituais; (5) fatores de stress e os fatores de satisfação associados à parentalidade nas famílias reconstituídas e (6) gestão da coparentalidade com os atuais e ex-companheiros nas famílias reconstituídas.

Procedimentos de recolha de dados

Previamente à realização das entrevistas, os participantes assinaram um consentimento informado (*anexo II*) e descreve: os objetivos de estudo, a garantia de confidencialidade e anonimato, a informação do registo dos dados, a possibilidade de desistência sem dano.

¹ Entende-se por companheiro(a), o elemento da família que apenas vive com outra pessoa, sem que estejam casados.

As entrevistas foram realizadas individualmente, os locais onde se realizaram foram escolhidos pelos participantes: em casa dos participantes ou na escola onde os participantes foram selecionados e a duração média das entrevistas foi de 45 minutos. As entrevistas foram transcritas de forma a garantir a fidelidade dos dados.

Procedimentos de análise de dados

O procedimento de análise de dados foi orientado pelos princípios da *Grounded Theory* (Strauss & Corbin, 1998 cit. in Spencer, Ritchie & O'Connor, 2003).

Neste sentido, foram percorridas várias etapas para o tratamento de dados. Posteriormente à transcrição das cinco entrevistas foi realizada uma leitura flutuante e por sua vez, análise da entrevista para compreender se o conteúdo das entrevistas respondia às questões inicialmente colocadas.

Para apoiar esta mesma metodologia utilizou-se o software *Nvivo9*, programa de análise qualitativa. O software permite editar, visualizar e organizar toda a informação, deste modo, possibilita ainda categorizar, codificar e filtrar os dados de forma a responder às questões de investigação.

De seguida, procedeu-se à codificação aberta, nomeadamente “fazer questões, fazer comparações, rotular e etiquetar”, (Fernandes & Maia, 2001, p.56), sendo esta uma fase de exploração e construção de conhecimento teórico. Assim, a codificação aberta foca-se na identificação de categorias e definição flexível de propriedades e dimensões (Fernandes & Maia, 2001). Durante este processo, existiu alternadamente o processo de questionar e comparar constante. De seguida, realizou-se a codificação axial que consiste num conjunto de processos através dos quais, os dados já conceptualizados são reorganizados com base no estabelecimento de ligações entre as categorias, indo para além de das suas propriedades e dimensões. Por fim, efetuou-se a codificação seletiva que consiste em estabelecer relação entre a categoria central e as outras categorias, construindo assim a narrativa descritiva do fenómeno central do estudo (Fernandes & Maia, 2001). Todo o processo descrito constituiu um Sistema de Categorias

c) Resultados

Apresentação e descrição do Sistema de Categorias

O Sistema de Categorias emergente dos nossos dados considera doze grandes categorias: (1) Intervenientes; (2) Dia; (3) Momentos da rotina diária; (4) Tarefas; (5) Perceção acerca de si próprio(a); (6) Representação do filho; (7) Perceção acerca da coparentalidade; (8) Perceção da relação

entre irmãos; (9) Representação do enteado; (10) Práticas parentais; (11) Regras; (12) Rituais; (13) Vivência da parentalidade e (14) Experiências marcantes.

De seguida, segue-se a descrição pormenorizada de cada categoria e subcategorias:

1. DIA

A presente categoria subdividiu-se em quatro seguintes subcategorias: (1.1) **Dia típico**; (1.2) **Fim-de-semana**; (1.3) **Estar com os pais/mães biológicos** e (1.4) **Férias**.

2. MOMENTOS DA ROTINA DIÁRIA

A presente categoria descreve a rotina das crianças das famílias reconstituídas em vários momentos (2.1) **Acordar**; (2.2) **Antes do pequeno-almoço**; (2.3) **Ida para a escola**; (2.4) **Almoço**; (2.5) **Almoço**; (2.6) **Depois de almoço**; (2.7) **Saída da escola**; (2.8) **Antes de jantar**; (2.9) **Jantar**; (2.10) **Depois de jantar**; (2.11) **Deitar/Adormecer** e (2.12) **Atividades Extracurriculares**.

3. INTERVENIENTES

A presente categoria enlaca todas as pessoas envolvidas nas rotinas ou rituais das famílias reconstituídas (3.1) **Criança**; (3.2) **Mãe**; (3.3) **Pai**; (3.4) **Irmãos**; (3.5) **Madrasta**; (3.6) **Padrasto**; (3.7) **Família do Pai**; (3.8) **Avós maternos**; (3.9) **Avós paternos**; (3.10) **Bisavós Maternos**; (3.11) **Pais do Padrasto**; (3.12) **Pais da madrasta**; (3.13) **Tios**; (3.14); **Primos** e (3.15) Amigos.

4. TAREFAS

A presente categoria emergiu dos dados e estão alocadas aos vários momentos da rotina, num dia típico ou de fim-de-semana, assim subdividiu-se em seis seguintes subcategorias: (4.1) **Domésticas** em que estão implícitas (4.1.1) Fazer pequeno-almoço; (4.1.2) Fazer almoço; (4.1.3) Fazer o jantar (4.1.4) Fazer um bolo; (4.1.5) Preparar a mochila; (4.1.6) Preparar a roupa; (4.1.7) Arrumar a roupa; (4.1.8) Lavar a roupa; (4.1.9) Limpar o pó; (4.1.10) Sacudir os tapetes; (4.1.11) Arrumar o quarto; (4.1.12) Aspirar; (4.1.13) Pátio; (4.1.14) *Divisões da tarefa ou da casa* e (4.1.15) Dia para arrumar a casa.

Na categoria (4.2) **Relação com a criança**, que diz respeito às tarefas que os participantes realizam com as crianças, compreendeu-se que seria necessário subdividir em (4.2.1) Vestir; (4.2.2)

Dar pequeno-almoço; (4.2.3) Pentear; (4.2.4) Ajudar a calçar; (4.2.5) Fazer a cama; (4.2.6) Fazer a cama; (4.2.7) Ser transportado; (4.2.8) Trabalhos de casa; (4.2.9) Estudar; (4.2.10) Dar banho; (4.2.11) Ler e (4.2.12) Fazer o leite.

Nas tarefas de um dos participantes na (4.3) **Relação com os irmãos** (4.3.1) criou-se as subcategorias Amamentar e (4.3.2) Trocar fralda.

As tarefas realizadas pela (4.3) **Criança** que são realizadas de forma (4.3.1) Autónomas criou-se as subcategorias (4.3.1.1) Depois do divórcio que diz respeito às tarefas que a criança fazia autonomamente depois do divórcio dos participantes e (4.3.1.2) Depois da reconstituição familiar; nas várias tarefas, nomeadamente, (4.3.1.2.1) Vestir; (4.3.1.2.2) Tomar/Fazer pequeno-almoço; (4.3.1.2.3) Fazer o leite; (4.3.1.2.4) Higiene; (4.3.1.2.5) Fazer a cama; (4.3.1.2.6) Brincar; (4.3.1.2.7) Ver televisão; (4.3.1.2.8) Ler; (4.3.1.2.9) Andar de bicicleta; (4.3.1.2.10) Andar de skate; (4.3.1.2.11) Lavar a louça; (4.3.1.2.12) Tratar da roupa; (4.3.1.2.13) Trabalhos de casa; (4.3.1.2.14) Colocar/Levantar a mesa; (4.3.1.2.15) Arrumar o quarto (4.3.1.2.16) Arrumar calçado e (4.3.1.2.17) s

Outras tarefas que correspondem ao quotidiano das famílias reconstituídas são (4.4) **Profissionais** e de (4.5) **Lazer.**

5. PERCEÇÃO ACERCA DE SI PRÓPRIO (A):

A presente categoria diz respeito aos enunciados dos participantes relativamente às suas perceções acerca de si próprio nos diferentes papéis (5.1) **Memórias**, (5.1.1) Enquanto filho(a) e (5.2) **Enquanto mãe**; (5.2.1) no estabelecimento de regras; (5.3) **Enquanto pai**; (5.3.1) na imposição de limites e (5.4) **Enquanto padrasto**; (5.4.1) ver-se como pai;

6. REPRESENTAÇÃO DO FILHO

A presente categoria também emergiu dos enunciados dos participantes acerca da representação dos filhos em (6.1) **Comportamento** que pode ser (6.1.1) Positivo; (6.1.2) Neutro ou (6.1.3) Negativo; (6.2) **Pessoais** que pode ser (6.2.1) com conotação positiva ou (6.2.2) com conotação negativa; (6.3) **Desenvolvimento**; (6.4) **Idealização** do comportamento do filho (6.5) **Relação entre o filho e a mãe** e (6.6) **Relação entre os filhos e companheiro**;

7. PERCEÇÃO ACERCA DA COPARENTALIDADE

A presente categoria diz respeito aos enunciados dos participantes quando abordam a gestão da parentalidade com o companheiro e ou mãe/pai biológicos e a percepção acerca destes (7.1) **Percepção do companheiro(a)**; (7.2) **Comunicação com o companheiro(a)**; (7.3) **Resolução de problemas** com o companheiro (a); (7.4) **Regras** entre o casal; (7.4.1) Coerência e (7.4.2) Coerência mas discorda; (7.5) **Castigos** em que existe (7.5.1) Coerência mas discorda.

Ainda dentro desta grande categoria houve a necessidade de criar subcategorias (7.6) **Com a mãe biológica**; (7.7) **Com o pai biológico**; (7.8) **Comunicação com a mãe biológica** e (7.9) **Incoerência na atitude do pai ou mãe biológicos**.

8. PERCEÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE IRMÃOS

A presente categoria subdividiu-se em uma subcategoria: (8.1) **Positiva**.

9. REPRESENTAÇÃO DO ENTEADO (A)

A presente categoria emergiu dos enunciados dos participantes acerca da representação dos enteados (9.1) **Pessoais** (9.1.1) com conotação positiva e (9.1.2) com conotação negativa e (9.2) **Comportamento** (9.2.1) Positivo, (9.2.2.) Negativo ou (9.2.3) Neutro.

10. PRÁTICAS PARENTAIS

A presente categoria corresponde aos enunciados dos participantes relativamente às suas práticas parentais em (10.1) **Chamar à atenção**; (10.2) **Vigilância permanente**; (10.3) **Limites**; (10.4) **Valores de educação**; (10.5) **Recompensas**; (10.6) **Não obrigar a comer**; (10.7) **Não deitar cedo ao fim-de-semana** e (10.8) **Castigos**. Nesta última categoria subdividiu-se (10.8.1) **Punição física**; (10.8.2) **Não ver televisão**; (10.8.3) **Não ir brincar**; (10.8.4) **Não ir andar de bicicleta**; (10.8.5) **Não ir treinar** e (10.8.6) **Significado** dos castigos.

11. REGRAS

Os nossos participantes fazem referências a um conjunto de regras que valorizam e que se constituíram como: (11.1) **Hora da refeição**; (11.2) **Tomar banho**; (11.3) **Hora de dormir**; (11.4) **Respeito pelas pessoas**; (11.5) **Serem autónomos**; (11.6) **Saber comportar-se em sociedade**; (11.7)

Tarefas domésticas; (11.8) **Televisão;** (11.9) **Carro;** (11.10) **Significado** das regras e (11.11) **Eficácia das regras.**

12. RITUAIS

Na exploração que fizemos dos rituais presentes no funcionamento familiar, segue-se (12.1) **Antigos;** (12.2) **Individuais da criança;** (12.3) **Momentos em família;** (12.4) **Momentos com animais;** (12.5) **Entre filhos e mãe;** (12.6) **Aniversários;** (12.7) **Dia do Pai/Dia da Mãe** e (12.8) **Sazonais. A última categoria subdivide-se em:** (12.8.1) **Verão;** (12.8.2) **São João;** (12.8.3) **Natal;** (12.8.4) **Ano Novo;** (12.8.5) **Páscoa;** (12.8.6) **Primavera** e (12.8.7) **Outono.**

13. VIVÊNCIA DA PARENTALIDADE

Os nossos participantes revelaram viver a parentalidade das seguintes formas: (13.1) **Comunicação com as crianças;** (13.2) **Exigência de atenção;** (13.3) **Fatores de gratificação,** dentro destas subdividem-se (13.3.1) Nascimento do filho(a); (13.3.2) Dia do Pai; (13.3.3) Natal; (13.3.4) Férias; (13.3.5) Dizer que gosta muito; (13.3.6) Dar abraços/beijos; (13.3.7) Escola; (13.3.8) No treino; (13.3.9) Na praia; (13.3.10) Trabalhos de casa; (13.3.11) Fim-de-semana; (13.3.12) Ver crescer; (13.3.13) Momentos entre criança e companheiro e (13.4.14) Significado dos momentos de gratificação. Os participantes enunciaram os (13.4) **Fatores de Stress** no (13.4.1) Estabelecimento de regras; (13.4.2) O dia na escola; (13.4.3) Durante a manhã; (13.4.4) Hora da refeição; (13.4.5) Passar o dia com a mãe ou pai biológicos; (13.4.6) Trabalhos de casa; (13.4.7) Birras; (13.4.8) Quando estão presentes terceiras pessoas e (13.4.9) Pôr à prova e na última categoria os participantes apresentam quando (13.5) **Não sentir dificuldades.**

14. EXPERIÊNCIAS MARCANTES

A presente categoria corresponde aos enunciados das experiências dos participantes antes da reconstituição familiar (14.1) **Depois do divórcio;** (14.1.1) Relação mãe e filho; (14.1.2) Perceção do ex-companheiro(a) e (14.1.3) Relação com o ex-companheiro(a).

d) Discussão

Após a apresentação do sistema de categorias produzido a partir da análise das entrevistas, procedeu-se às respostas a cada um das questões de investigação, formuladas no presente estudo.

Deste modo, para organizar as respostas considerou-se as categorias e subcategorias mais pertinentes, atendendo aos seus conteúdos.

(1) Quais são as características das famílias reconstituídas?

Os participantes selecionados para este estudo foram três participantes do género masculino e duas participantes do género feminino. Os participantes do género masculino têm 40 anos, 39 anos e 29 anos e as suas profissões respetivas são Designer, Empresário e Estudante e Técnico de Qualidade. O primeiro participante tem uma filha de nove anos e vive com a sua companheira há quatro meses, o segundo tem um filho e enteado de oito anos e vive com a companheira há 5 anos e por fim, o terceiro participante tem um filho de três meses e um enteado de sete anos e vive com a companheira há três anos.

As participantes do género feminino têm 40 anos e 31 anos e as suas respetivas profissões são Contabilista e Operadora de Call Center. A primeira participante tem três filhos, com onze, oito e seis anos e um enteado de oito anos, a segunda participante tem um filho de sete anos e outro com três meses. A primeira participante vive com o companheiro há quatro meses e a segunda participante vive com o seu companheiro há três anos.

(2) Quais as rotinas e regras que as famílias reconstituídas estabelecem para os seus filhos?

A rotina de um **dia típico** foi descrita por todos os participantes iniciando-se pelo **acordar** “*Por volta das 8, oito e pouco*” na maior parte das vezes, em que o **padrasto** e a **mãe** são os elementos que acordam a(s) **crianças(s)** “*(...)o meu companheiro levanta-se cedo, levanta...é posto a pé o meu filho mais velho*”. Antes do **pequeno-almoço**, todos os participantes descrevem que as crianças, fazem a sua higiene “*(...) depois vai à casa de banho lavar os dentes e lavar a cara*” e vestem-se autonomamente “*(...) cada um vai-se vestir, lavar os dentes*” de seguida o **pequeno-almoço** é preparado para as **crianças** maioritariamente pelo **padrasto, pai** ou pela **mãe** “*(...) e vou fazer o pequeno-almoço.*” De seguida, as **crianças** são transportadas até à escola maioritariamente pelo **pai** ou **padrasto** “*Levo-o à escola, sim. E depois vou trabalhar*”, importa salientar que uma das regras que um dos participantes menciona como **regra no carro** é “*Quando vou no carro eles têm que pôr o cinto senão não arranço.*” Durante o dia, os participantes mantêm-se na atividade profissional e as **crianças almoçam** na escola “*(...) fica todo o dia na escola, almoça na escola*”. No final do dia “*(...) às cinco e meia da tarde ele sai*” a maior parte das **mães** vão buscar as **crianças** à sáida da escola “*(...) eu venho sempre buscá-los, tenho horário, e é mais perto do trabalho*”, quando chegam a casa realizam os trabalhos de casa “*(...) depois chegamos a casa, é fazer os trabalhos de casa*” com a

ajuda dos padrastos, pais ou das mães até à hora do jantar “(...) depois ela acaba e tal, fazemos o jantar”. Na hora do **jantar** “(...) jantamos sempre por voltas oito horas”, a maior parte dos participantes aponta que a família conversa à mesa sobretudo acerca de como decorreu o dia das (s) **crianças**, mantendo a televisão ligada “(...) normalmente a televisão está no canal de informação, eles não ligam muito (...) aquelas coisas normais, da escola, como correu a escola, aquelas coisas normais dos miúdos”, apesar de uma participante referir que uma das suas **regras** estabelecida é manter a televisão desligada durante a hora da refeição “Ver televisão nunca. Nós nas refeições (...)”. Para além destas, os participantes relatam outras **regras** estabelecidas na hora da refeição, nomeadamente, ter um comportamento adequado à mesa “(...) de estarem à mesa, de comer em condições, de se portarem direito (...) saber se comportar, não estar ali a fazer palhaçadas”, as **crianças** têm de partilhar a mesma refeição quando fazem refeições fora de casa (...) normalmente eles escolhem o prato a meias (...) o outro escolhe o prato numa semana, na outra semana o outro escolhe a sobremesa...” e pedir autorização para sair da mesa “ (...) ela para sair da mesa tem que pedir autorização”.

Depois do jantar, a maior parte dos participantes revelaram que as **crianças** fazem a sua higiene, vestem os pijamas “(...) ela toma banho, veste o pijama” e por fim, **deitam-se** “(...) vai para a cama entre as nove meia e as dez horas”. Todos os participantes revelaram ser crucial o horário de ir dormir, assumindo como uma **regra** a ser cumprida.

Apenas dois participantes que são um casal, têm uma criança que frequenta **atividades extracurriculares** durante a semana e ao fim-de-semana “Ele treina polo aquático, durante a semana e capoeira ao fim-de-semana”.

No dia do fim-de-semana, a maior parte dos participantes assumiram que as crianças **acordam** mais cedo do que os participantes “Ele acorda...ele acorda sempre cedo (...)”, “(...) entre as oito e as nove e meia”, enquanto o **pai/madrasta/mãe/padrasto** mantêm-se até mais tarde na cama “Ao sábado, ele acorda primeiro que nós (...)”. Depois os participantes mencionaram levantar-se e preparar o pequeno-almoço para as crianças “(...) temos que preparar o pequeno almoço...”. De seguida, dois dos participantes realizam as tarefas domésticas ao **fim-de-semana** “(...) normalmente, ao sábado arrumamos...”, que são partilhadas por todos os participantes com os companheiros (as) “eu gosto, por exemplo de cozinhar, enquanto eu estou a fazer o almoço assim ela vai estendendo a roupa... partilhamos mas não é de eu faço isto e tu fazes aquilo, não, não temos nada...”, apesar destas tarefas não estarem definidas “Não está definido, não está nada definido mas, por exemplo, se a sala for para limpar, enquanto por exemplo um arruma uma coisa o outro arruma outra”. Relativamente à questão das crianças participarem nas tarefas domésticas a maior parte ajuda a limpar o pó “(...) eles também queriam passar uns panitos (...)” ou “(...) E quando nós estamos assim em arrumação geral na casa...aaa...ele fica com o spray e o pano de pó (...)”, ou ainda arrumar o quarto “(...) as regras que eles têm...que estabelecemos com eles é (...) a situação do quarto, eles é que arrumam o quarto, eles fazem a cama...”.

Outro dos participantes durante o **fim-de-semana** encontra-se a trabalhar e as crianças passam o dia com o participante e companheira “(...) *ao fim-de-semana estamos na mesma a trabalhar (...) eles vêm para aqui, prontos...depois estão aí entretidos a brincar...*”, os restantes encontram-se a realizar atividades ritualísticas, tais como ir à praia durante o dia “(...) *quase todos os fins-de-semana temos isso. (...) ou os piqueniques normalmente são na praia*” e ir para uma casa de férias “*Às vezes vamos p’ a Baião. Os meus pais têm lá casa e por acaso os pais do meu marido*”.

Os participantes que se encontram em casa no **fim-de-semana** depois do período da manhã, **almoçam** e de seguida vão passear “(...) *depois fazemos o almoço e depois de tarde vamos sempre dar um giro*” ou vão ter com a família “(...) *vamos até aos meus pais ou então vamos até aos meus tios...visitamos assim a família*”, ou ainda um dos participantes menciona transportar a **criança** a uma das **atividades extracurriculares** “(...) *depois tenho que vir trazê-la à catequese...*”

No fim do dia, a maioria dos participantes regressa com as **crianças** a casa para o **jantar** em família ou **amigos** “(...) *portanto, ou sozinhos, ou em família ou então convidados que tenhamos eventualmente*” até à hora de ir dormir. Aos fins-de-semana a maioria dos participantes referem que não existe **regra** para a **hora de dormir** “(...) *ao fim-de-semana deita-se mais ou menos, quando tiver sono.*” e “(...) *ao fim-de-semana é que a gente deixa-os estar mais um bocadinho.*”

As restantes **regras** que são estabelecidas pelos participantes que não estão diretamente relacionadas com a rotina é **serem autónomos** “(...) *que consigam fazer as coisas por eles, sem ajuda não é*”, **saber comportar-se em sociedade** “(...) *habituar a ter regras em grupo e a estar com pessoas e a lidar com os outros...*” e ter respeito pelas pessoas “(...) *não admito que ela seja mal educada com ninguém.*”

(3) Quais são os rituais nas famílias reconstituídas?

Todos os participantes das famílias reconstituídas descreveram os seus **rituais** associados a épocas sazonais, tais como como o **verão** e o **natal** e os **aniversários**.

A maior parte dos participantes mencionaram que os **rituais** que acontecem no período do **verão**, acontecem principalmente aos **fins-de-semana** e **férias**. Os rituais mencionados são ir para a praia “ (...) *Ir à praia...isso um é ritual nosso certo*”, ir para a casa de férias, “*Às vezes vamos p’ a Baião. (...) no verão é mais fixe...vamos para a piscina...*” e ao **fim-de-semana** “(...) *se for mesmo verão no fim-de-semana...*”. Outro dos participantes considerou as férias serem um **ritual**, onde estão todos os elementos da família presentes “*Nós é mais essas e outro ritual...é na altura das férias que fecho o café uma semana e pouco...normalmente fazemos sempre isso os quatro, vamos sempre passar férias para um lado ou para o outro*”.

Relativamente à época natalícia, a maior parte dos participantes comemora esta época festiva, considerando-se este momento como um **ritual** com a família “ (...) *nem que seja só um bolo, tem que se cantar os parabéns, normalmente a família mais chegada que são os meus pais, a minha irmã e eu*”

estamos sempre, sempre presentes”, embora também seja um momento que têm de partilhar com os pais/mães biológicos “ (...) *Natal é sempre dividido não é...com o pai dele...*”.

No que diz respeito aos **aniversários** das crianças, os participantes referem festejar recorrentemente “*Fazemos sempre festa de aniversário, sempre...*” com a família e **amigos** “(...) *normalmente é mais com os miúdos...somos capazes de chamar duas ou três pessoas da família...*”, mas também é outro **ritual** a ser partilhado com os pais ou mães biológicos “ (...) *almoço com um e jantar com o outro, vai alternado de ano a ano*”.

Ademais, existem variados **rituais** descritos pelos participantes mas são caracterizados por serem **momentos em família**, tais como, realizar refeições com a família ao **fim-de-semana** “ (...) *fim-de-semana...é quase certo que almoçamos...por exemplo, almoçamos num, vamos jantar a outro...*”, fazer desporto “*Fazemos desporto, estamos em contacto com a natureza...*” ou ainda em casa, “ (...) *eles querem ir para casa, ver um filme...*” .

(4) Quais as perceções que os pais têm acerca das rotinas e rituais nas famílias reconstituídas?

(5) Quais os fatores de stress e fatores de satisfação associados à parentalidade nas famílias reconstituídas?

A perceção dos participantes em relação às suas rotinas, parece estar relacionado com as **regras**, uma vez que todos os participantes descrevem as rotinas incluindo as regras anteriormente referidas. Deste modo, os participantes descrevem a importância das **regras** nos vários momentos do dia, nomeadamente, em relação à hora da refeição e à hora de dormir “*Têm que estar alimentados, têm que descansar p’ra render, p’ra ter rendimento na escola*”, relativamente aos trabalhos de casa “*Claro e é importante esta fase não é...criar boas bases e...isso tudo de tirar negas para fazer os trabalhos de casa (...) senão tiver regras agora, vai chegar a uma idade não é...pronto, adolescente ou antes até...doze...dez é muito mais complicado*”, em relação à autonomia “ (...) *para um dia mais tarde, quando forem maiorzitos começarem a saber desenrascar e...pronto e saber fazer várias coisas não é...*”. A maior parte dos participantes menciona que o estabelecimento de regras está relacionado com os seus valores na educação “ (...) *é importante porque eles tem que começar a ter um bocado noção da vida não é...que as coisas não é tudo facilitado...*”, como também as **regras** ou valores parecem ser transmitidos de geração para geração “ (...) *os meus pais deram-me educação não é e eu tento transmitir essa mesma educação para a minha filha*” .

No que diz respeito à perceção da eficácia das **regras**, a maior parte dos participantes refere que “ (...) *eles normalmente, fazem o que a gente diz.*” Neste sentido, todos os participantes afirmam falar com as **crianças** acerca da razão ou importância das regras “ (...) *explicamos-lhe o porquê (...) que eles tem de saber o porquê das coisas (...) é porque eu acho que eles acabam por obedecer melhor, se perceberem porque é que lhe estamos a dizer aquilo...*” .

A estratégia parental mais utilizada por todos os participantes é chamar a atenção para diminuir o comportamento indesejado “ (...) nós começamos por chamá-lo à atenção...”, no entanto, no caso de estes comportamentos não diminuírem ou extinguirem-se, dois participantes referem utilizar a punição física “ (...) nós damos-lhe uma sapatada...”, outros optam por utilizar o castigo de a criança não poder ver televisão “ (...) não brinca e não vê televisão” ou não poder ir para as **atividades extracurriculares** “E o que é o castigo? Não vai treinar...”.

A maior parte dos participantes também revelaram que existem fatores de stress associados ao quotidiano, nomeadamente, no período da manhã “É de manhã a pressão para eles chegarem a horas à escola.”, o dia que estão com os pais/mães biológicos “(...) as vivências são diferentes tanto na casa da mãe como na do pai... eu noto que o primeiro dia que ela vem da casa da mãe é um bocadinho mais complicado” e no estabelecimento de regras “Difícil porque lá está, eu estou a chocar com ela, eu estou a impor regras e ela está a chocar comigo...”.

Dois participantes apontam que a hora da refeição “ (...) se calhar o jantar, que às vezes um quer comer uma coisa e o outro e este quer outra...”, os trabalhos de casa “ (...) os trabalhos de casa, às vezes também me passo não é...”, quando estão presentes terceiras pessoas “O ambiente...na tal convivência com terceiras pessoas (...) “olha pára...não...estás a ser inconveniente e não sei quê”...se calhar tenho de repetir várias vezes...” e as birras das crianças “ (...) as birritas que às vezes ela faz, os amuos...” são momentos também mais desafiantes.

Os **rituais** que podem ser realizados com mais frequência por todos os participantes (verão, natal, aniversários) referidos anteriormente, têm um significado comum a quase todos os participantes, nomeadamente, a reunião familiar “ (...) é importante para a família, são momentos da família...” e estar com os amigos “ (...) ter os amigos, reunir os amigos...”. Outros rituais menos frequentes realizados pelos participantes também estão associados a momentos de gratificação, tais como, nas férias “ (...) o tempo que...que estou com ele ou quando estou de férias, posso estar ali de manhã à noite com ele (...) é a altura que a gente sente mais feliz é aí...”, no dia do pai “ (...) eles têm aquelas festas do dia do pai...pronto fazem aqueles cartões...e não sei quê...mesmo no Natal, ele também fez-me uma carta, tipo a dizer que gostava muito de mim mesmo” e ainda quando as crianças têm sucesso escolar “ (...) quando eu vejo realmente que ele teve uma boa evolução, para mim é um momento feliz...”.

(6) Como as famílias reconstituídas gerem a coparentalidade com os atuais e ex-companheiros?

Os participantes nos seus discursos foram revelando que a **coparentalidade** existe com os atuais companheiros, mas também com os pais/mães biológicos das crianças.

Neste sentido, a maior parte dos participantes revela que existe comunicação com os seus atuais companheiros no estabelecimento de **regras** “ (...) já tivemos conversas de...sobre em relação à educação deles...claro o que é que achamos...e se calhar a partir daí as regras...”, apesar de

admitirem que o estabelecimento de regras não foi acordado antes da reconstituição familiar “ (...) *deixei as coisas sempre rolar normalmente e até agora as coisas têm dado certo...*”. Dois participantes referem existir coerência no estabelecimento de regras, mesmo que discordem “ (...) *se eu disser: “olha podes fazer isto.” E se ele achar que não, ele não vai por trás e diz “olha não fazes porque eu não deixo”, ou vice-versa também não acontece*”. Os mesmos participantes apontam que resolvem as situações problemáticas relacionadas com a criança em conjunto “ (...) *“ó filho deixa estar quando o M. chegar nós vamos ver isso com ele” ...e depois vemos em conjunto...*”.

Três participantes abordam também a percepção positiva acerca do seu companheiro(a) na parentalidade “ (...) *ele tem muita paciência...tem muito jeito para falar com o A. ...sempre teve, embora dois destes têm a percepção de os seus companheiros (as) serem permissivos com as crianças “O meu marido já é mais, mais mole. Diz uma coisa, e se o filho bater o pé que “não quero, não quero” ele acaba por encolher os ombros*”.

No que concerne à **coparentalidade** com os pais ou mães biológicos, três dos participantes revelam existir incoerência nas regras nas diferentes casas “ (...) *mas lá está a linguagem, a maneira de falar, algumas palavras que ele utilizava, que nós achávamos menos próprias para idade dele...aaa...pronto, posturas...*” ou “*Mas ele com a mãe dele não se deita às nove horas*”.

III - Conclusões

Nesta secção, serão abordadas quais são as principais conclusões retiradas da presente investigação, as implicações para a prática e sugestões para investigações futuras.

Na compreensão da rotina das famílias reconstituídas percebeu-se que têm uma rotina semelhante à de uma família tradicional, com a exceção de algumas crianças que durante um período de tempo (e.g. um dia ou uma semana) estão com os pais ou mães biológicos, considerado por alguns dos participantes, um fator stressante para o pai/mãe que vive com a criança. Neste sentido, os estudos referem que os padrastos estão ativamente envolvidos no cuidado e educação dos filhos, em comparação aos pais biológicos (Cartwright, 2010)

Outros fatores de *stress* estão relacionados com momentos do dia, tais como, durante o período da manhã e na realização dos trabalhos de casa (ao fim da tarde), que parecem exigir maior vigilância. O momento da manhã parece ser um fator de stress, devido às questões do horário da escola/atividade profissional e o momento de realização dos trabalhos de casa parece ser um fator de stress devido à regra que os participantes estabelecem com as crianças – realizar os trabalhos de casa quando após a saída da escola – sendo uma tarefa que exige tempo e vigilância. Deverá ser salientado que todos os participantes apenas estão com as crianças apenas durante o período da manhã ou ao fim da tarde, o que explica também serem estes os fatores de *stress*. Por sua vez, outros estudos,

mencionam que o *stress* parental está mais associado a dimensões individuais dos pais ou da dinâmica familiar (Padilla & Álvarez-Dardet, 2014).

Compreendeu-se ainda, que ao longo da rotina, tanto os participantes do género masculino, como feminino parecem ter várias tarefas, confirmando-se que tantos os pais, como as mães e os seus companheiros (as) partilham as tarefas domésticas ou relacionadas com a criança (e.g ajudar a vestir).

No que diz respeito aos fatores de gratificação parecem estar mais presentes em momentos esporádicos do que no quotidiano das famílias reconstituídas, ou seja, estes fatores parecem estar mais relacionados com os rituais e momentos de férias, onde estão presentes todos os elementos da família. Neste sentido, a reunião familiar é considerado um momento positivo pelas famílias reconstituídas, para além de ser um momento que estão com mais tempo para estar com as crianças.

No que concerne à coparentalidade das famílias reconstituídas, compreendeu-se que existe maior comunicação e coerência das práticas educativas entre os companheiros do que com os pais/mãe biológicos, como confirma a investigação, seis em cada vez padrastos gere a coparentalidade com a sua companheira (Cartwright, 2010). Este último dado parece ser importante, uma vez que nas famílias reconstituídas, existe ausência da presença física de um dos pais biológicos, requer esforço na coparentalidade entre estes e para que esta seja saudável é necessário os pais biológicos tomarem decisões e trabalhar em conjunto (Gasper, Stolberg, Macie, & Williams, 2014)

As práticas parentais nas famílias reconstituídas parecem ter um estilo mais permissivo e parece ser mais utilizada a punição física, apesar de se ter encontrado poucos estudos acerca dos estilos parentais e práticas parentais nas famílias reconstituídas, Cartwright, 2010 refere que padrastos e parecem ter uma posição passiva na disciplina com as crianças, tendo menos probabilidade de criar conflitos com o enteado.

Posteriormente à conclusão dos resultados, é importante referir as limitações no presente estudo. Uma das limitações encontradas foi o número de participantes, devido à dificuldade em encontrar participantes com estas especificidades. Uma segunda limitação foi os participantes serem mais elementos do género masculino do que feminino, resultando uma maior presença no quotidiano das crianças do que o género feminino. Uma terceira limitação foi o tempo de união familiar ser relativamente curto, o que dificultou compreender uma das questões de investigação, a coparentalidade. Uma outra limitação deve-se à idade escolar das crianças, o que torna por um lado, dados escassos acerca de outras idades (e.g. pré-escolar), mas por outro lado pode ser vantajoso, encontrar congruência entre as famílias reconstituídas com crianças da mesma faixa etária. E por fim, duas limitações gerais à investigação: poderá colocar-se a hipótese dos participantes utilizarem a desejabilidade social, o que restringiu por exemplo, compreender mais acerca das dificuldades na rotina, dado que alguns dos participantes não assumiam as dificuldades e ainda, houve participantes que não compareceram às entrevistas agendadas ou desmarcavam sem aviso prévio.

Dadas as limitações do estudo e dos dados obtidos no presente estudo, salientam-se as seguintes sugestões para estudos futuros. Poderia ser pertinente realizar um estudo comparativo entre casais das famílias reconstituídas que vivam há pelo menos um ano juntos, para compreender a percepção de cada um acerca da dinâmica familiar, coparentalidade e estabelecimento de regras. Outra sugestão seria estudar famílias reconstituídas com adolescentes, nomeadamente, explorar a dinâmica familiar e relação entre os adolescentes e padrastos/madrastas, uma vez que esta fase desenvolvimental é considerada como desafiante.

De modo a concluir as conclusões do presente estudo, será de referir quais são as implicações para a prática. Neste sentido, poderia ser pertinente desenvolver programas para as famílias reconstituídas em grupos de apoio. O objetivo principal seria promover competências parentais com as crianças, nomeadamente, gestão da coparentalidade com os companheiros (as) e com os pais/mães biológicos, informar acerca da pertinência da comunicação e congruência com os companheiros e promover estratégias de *coping* para gerir o comportamento das crianças.

IV - Referências Bibliográficas

Abidin, R. R. (1990). Introduction to the special issues: The stress of parenting. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19, 298-301.

Abidin, R. R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21, 407-412.

Abidin, R.R., & Brunner, J.F. (1995). The Development of a Measure of the Parenting *Alliance*. *Journal of Clinical Child Psychology*. 24(1), 31-40.

Ahrons, C. (2006). Family Ties After Divorce: Long-Term Implications for Children. *Family Process*, 46(1), 53-65. doi: 10.1111/j.1545-5300.2006.00191.x.

Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios Familiares – uma visão sistémica*. Quarteto Editora: Coimbra.

Antoniazzi, A.S., Dell’Aglio D.D., & Bandeira, D.R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-29.

Amato, P. P. (1994). Life-span adjustment of children to their parent’s divorce. *Future of Children*, 4, 143-164.

Amato P.R. (2005). The impact of family formation change on the cognitive, social, and emotional well-being of the next generation. *Future Child*, 15(2), 75-96.

Amato, P.R., Kane, J.B., & James, S. (2011). “Reconsidering the “Good Divorce”. *Family Relations*, 60, 511-524. doi: 10.1111/j.1741-3729.2011.00666.x.

Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.

Brage Hudson, D., Campbell-Grossman, C., Elek, S., Fleck, M., & Shipman, A. (2003). Effects of the new parents network on first-time fathers’ parenting satisfaction during the transition to parenthood. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 217 – 229. doi:10.1080/01460860390246687.

- Campana, K., Henderson, S., Stolberg, A., Schum, L. (2008). Paired maternal and parental parenting styles, child custody and children's emotional adjustment to divorce. *Journal of Divorce & Remarriage*, 48(3-4),1-20. doi: 10.1300/J087v48n03_01.
- Cartwright, C. (2010). An Exploratory Investigation of Parenting Practices in Stepfamilies. *Journal of Psychology* 39(1), 57-63.
- Coleman, M., & L.H. Ganong (2008). Stepfamilies from the Stepfamily's Perspective. *Marriage & Family Review*, 6(1-2), 107-121, Doi:10.1300/J002v26n01_07.
- Collins, W. A., Madsen, S. D., & Susman-Stillman, A. (2002). Parenting during middle childhood. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (pp. 73-101) New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Compas, B. (2001). Coping with stress during childhood and adolescence: Problems, progress, and potential in theory and research. *Psychological Bulletin*, 127(1), 87-127.
- Costa, M. E. (1994). *Divórcio, monoparentalidade, recasamento – intervenção psicológica em transições familiares*. Porto: Edições Asa.
- Crnic, K. A., & Greenberg, M. T. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child Development*, 61, 1628-163.
- Crnic, K. & Low, C. (2002). Every day Stresses and Parenting, In M., Bornstein. (Eds) *Handbook of Parenting* (pp. 243-268) New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Cruz, O. (2009, Março). Receitas para a Escola e Família na melhoria do processo educativo: verdade melhoria do processo educativo: verdade ou provocação? Em, Susana de Oliveira, Tânia Fernandes, & Luís Simões, *1º Encontro com a Educação*. Simpósio organizado por Câmara Municipal da Mealhada, Mealhada.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Day, R. D., (2010). *Introduction to family process*. Fifth Edition. New York: Routledge Taylor & Francis Group.

Deater-Deckard K. (1998). Parenting Stress and Child Adjustment: Some Old Hypotheses and New Questions, *Clinical Psychology Science and Practice*, 5, 314-332. doi: 10.1111/j.1468-2850.1998.tb00152.x.

Dunn, J., Deater-Deckard, K., Pickering, K., O'Connor, T.G., & Golding, J. (1999). Siblings, parents, and partners: family relationships within a longitudinal community study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40, 1025-1037.

Dunn, J. (2002). The adjustment of children in stepfamilies: Lessons from community studies. *Child and Adolescent Mental Health*, 7, 154-161.

Elek, S., Brage Hudson, D., & Bouffard, C. (2003). Marital and parenting satisfaction and infant care self-efficacy during the transition to parenthood: The effect of infant sex. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 26, 45 – 67. doi:10.1080/0146 0860390183065.

Fernandes, E., & Maia, A. (2001). *Métodos e Técnicas de Avaliação: Contribuições para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Universidade do Minho.

Fiese, B.H. (2006). Who Took My Hot Sauce? Regulating Emotion In The Context Of Family Routines And Rituals, In D. K., Snyder, J.A., Simpson, & J. N., Hughes, (Eds) *Emotion Regulation in Couples and Families: Pathways to Dysfunction and Health* (pp. 269-290). Washington, DC: American Psychological Association.

Fiese, B. H., Foley, K. P., Spagnola, M. (2006). Routine and Ritual Elements in Family Mealtimes: Contexts for Child Well- Being and Family Identity, *New Directions for Child and Adolescent Development*, 111, 67-69. doi: 10.1002/cd.156

Fine, M.A., Coleman, M., & Ganong, L.H. (1988). Consistency in perceptions of the step-parent role among stepparents, parents and stepchildren. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 811-829.

Floyd, F., Gilliom, L. e Costigan, C. (1998). Marriage and Parenting Alliance: Longitudinal Prediction of Change in Parenting Perceptions and Behavior. *Child Development*, 69(5), 1461-1479.

Freijo, E. A., & Delgado, A.O. (2010). *Desarrollo psicológico en las nuevas estructuras familiares*. Pirâmide: Madrid.

Ganong, L., Coleman, M., Fine, M., & Martin, P. (1999) Stepparents' Affinity-Seeking and Affinity-Maintaining Strategies with Stepchildren. *Journal of Family Issues*, 20(3), 299-327.

Gaspar A. F., Stolberg, A. L., Macie M. K. & Williams L. J. (2008) Coparenting in Intact and Divorced Families: Its Impact on Young Adult Adjustment, *Journal of Divorce & Remarriage*, 49(3-4), 272-290. DOI:10.1080/10502550802231924.

Geraci, D. (2008). Stepparent Roles. *Psi Chi, The National Honor Society in Psychology*, 13(1) 30–37.

Hetherington, E.M., & Clingempeel, W.G. (1992). Coping with marital transitions: A family systems perspective. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 57(2/3), 1-14.

Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (2002). Parenting in Divorced and Remarried Families, In M., Bornstein (Eds) *Handbook of Parenting* (pp. 287-316) New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Hudson, D., Elek, S., & Fleck, M. (2001). First-time mothers and Father's Transitions to Parenthood: infant care, self-efficacy, parenting satisfaction and infant sex. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 24, 31-43.

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2013) Consultado em www.ine.pt/

Legard, R., Keegan, J., & Ward, K. (2003). In-depth Interviews, In J., Ritchie, & J., Lewis. (Eds) *Qualitative research practice: a guide for social science students and researchers*, (pp. 138-169). London: SAGE Publications.

Leite, S. (2004). Breve sociografia sobre as famílias reconstituídas portuguesas. *Revista de Estudos Demográficos*, 1, 53 - 89

Menaghan, E.G., Kowaleski-Jones, L., & Mott, F. L. (1997). The Intergenerational Costs of Parental Social Stressors: Academic and Social Difficulties in Early Adolescence for Children of Young Mothers. *Journal of Health & Social Behavior*, 38(1), 72-86.

Minuchin, S. (1979). *Familles en thérapie*. Paris: Jean-Pierre Delarge.

Montgomery, M.J., Anderson, E.R., Hetherington, E.M., & Clingempeel, W.G. (1992). Patterns of courtship for remarriage: Implications for child adjustment and parent-child relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 686-698.

Owen, A. E., Thompson, M. P., & Kaslow, N. J. (2006). The mediating role of parenting stress in the relation between intimate partner violence and child adjustment. *Journal of Family Psychology*, 20(3), 505–513. doi:10.1037/0893-3200.20.3.505.

Padilla, J. P., & Álvarez-Dardet, S. M. (2014). Un análisis tipológico del estrés parental en familias en riesgo psicossocial. *Salud Mental*, 37, 27-34.

Raposo, H.S., Figueiredo, B.F.C., Lamela, D.J.P.V, Nunes-Costa, R.A., Castro, M.C., & Prego, J. (2011). Child adjustment to separation or divorce of parents. *Revista Psiquiátrica Clínica*, 38(1), 29-33. doi: 10.1590/S0101-60832011000100007.

Ricci, I. (2004). *Casa da Mãe Casa do Pai – Construir dois lares para os seus filhos – um guia completo para pais separados, divorciados ou que voltam a casar*. Lisboa: Edições Sílabo.

Ritchie, J. (2003). The Applications of Qualitative Methods to Social Research, In J., Ritchie, & J., Lewis. (Eds) *Qualitative research practice: a guide for social science students and researchers*, (pp. 24-46). London: SAGE Publications.

Ritchie, J., Lewis, J., & Elam, G. (2003). Designing and Selecting Samples, In J., Ritchie, & J., Lewis. (Eds) *Qualitative research practice: a guide for social science students and researchers*, (pp. 77-108). London: SAGE Publications.

Robinson, M. (1991). *Family transformation through divorce and remarriage: A systematic approach*. Routledge: London and New York.

Rodríguez, D., Donovanick, M.R., & Crowley, S.L. (2009). Parenting styles in a cultural context: observations of "protective parenting" in first-generation Latinos. *Family Process*, 48(2), 195-210

Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto : Edições Afrontamento.

Sandler, I., Miles, J., Cookston, J., & Braver, S. (2008). Effects of father and mother parenting on children's mental health in high- and low-conflict divorces. *Family Court Review*, 46, 282–296.

Spencer L., Ritchie, J., & O'Connor, W. (2003). Analysis: Practices, Principles and Processes, In J., Ritchie, & J., Lewis (Eds) *Qualitative research practice: a guide for social science students and researchers*, (pp. 199-218). London: Thousand Oaks.

Snape, D. & Spencer, L. (2003). The foundations of Qualitative Research, In J., Ritchie, & Lewis, J. (Eds) *Qualitative research practice: a guide for social science students and researchers*, (pp. 2-36), London: SAGE Publications.

Suls, J., David, J.P., & Harvey, J.H. (1996). Personality and Coping: Three Generations of Research. *Journal of Personality*, 64(4), 711-735.

Vieira, J. M., Ávila, M., & Matos, P. (2012). *Attachment and Parenting: The Mediating Role of Work-Family Balance in Portuguese Parents of Preschool Children*. *Family Relations*, 31, 50-31. doi: 10.1111/j.1741-3729.2011.00680.x

Visher, E.B, & Visher, J.S. (1985). Stepfamilies are different. *Journal of Family Therapy*, 7, 9- 18.

Vuchinich, S., Hetherington, E.M., Vuchinich, R., & Clingempeel, G. (1991). Parent-child interaction and gender differences in early adolescents'adaptation to stepfamilies. *Developmental Psychology*, 27, 618-627.

V. ANEXOS

Anexo I: Guião de entrevista

Dimensões	Subdimensões	Sub-Questões
Caracterização das famílias reconstituídas	Dados sociodemográficos e estrutura familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Como se chama? - Qual a sua idade? - Qual a profissão? - Quantos filhos tem? E que idades têm? - Há quanto tempo vive com o seu (a) cônjuge?
Parentalidade nas famílias reconstituídas	<ul style="list-style-type: none"> Rotinas Regras Rituais Satisfação parental Stress Estratégias de coping 	<ul style="list-style-type: none"> -Descreva um dia de semana e de fim-de-semana com as crianças(s). - Quais as principais dificuldades com as crianças que encontra no quotidiano? Porquê? - Como lida com estas situações? - Quais são as principais regras estabelecidas com as criança(s)? Porquê? - Quando foram estabelecidas estas regras? - Quais as principais dificuldades que encontra no estabelecimento das regras? Porquê? - Como lida com estas situações? - Quais são os principais rituais estabelecidos na família? Porquê? - Enquanto pai/mãe ou padrasto/madrasta quais são os momentos que identifica como mais felizes? Porquê?

Anexo II: Consentimento informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo “Famílias reconstituídas: Regras, Rotinas e Rituais com Crianças em Idade Escolar e Pré-Escolar”, insere-se na linha de investigação de Parentalidade no Divórcio da Universidade Católica do Porto, Foz e tem como principal objetivo compreender as rotinas, regras e rituais nas famílias reconstituídas e compreender os fatores de gratificação e de *stress*.

Toda a informação recolhida é confidencial e não será divulgada a terceiros. A participação no presente estudo não constitui nenhum risco nem terá custos para o participante.

A participação é voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento por vontade do participante.

A investigadora encontra-se disponível para qualquer esclarecimento durante o processo:

Liliana Teixeira

E-mail: l.teixeira91@gmail.com

Telemóvel: 913019706

Declaro que aceito participar nesta investigação,

Assinatura: _____

_____, de _____, de _____

